

CÁNOVAS DEL CASTILLO

Sebastião PAGANO

O Professor Sebastião Pagano (1908-1972) integrou a primeira turma de professores convidados por Mons. Emílio José Salim para a fundação, em Campinas, de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, origem, como se sabe, de nossa hoje grandiosa Pontifícia Universidade Católica. Dotado de excelente cultura humanística, coube-lhe instituir os cursos de História, em nível superior, em nossa cidade, trabalhando conosco mais de trinta anos, ou seja até pouco antes de seu falecimento. Interessado nos problemas de História, Economia, Sociologia e Filosofia, muito escreveu em livros e em revistas culturais, inclusive na antiga revista de nossa Universidade. O artigo que, a seguir, transcrevemos, foi publicado em 22 de dezembro de 1939 no antigo "Diário de São Paulo", na época um dos mais conceituados jornais da capital paulista. Obtivemo-lo graças à gentileza da Sr^a Clara Ramos da Rocha Pinto (na época, Clara Cánovas Ramos), a quem, aliás, o artigo foi dedicado por ser descendente do ramo brasileiro da família do ilustre estadista espanhol nele focalizado. Embora o nome de Cánovas del Castillo figure em todas as nossas enciclopédias (Delta-Larousse, Mérito, Mirador...), sua vida e obra são pouco conhecidas entre nós. Daí o interesse do artigo era reproduzido. N. da R.

Um acaso feliz colocou-nos um dia, diante de uma neta de Cánovas del Castillo. De sua conversa, por uma associação de idéias, o vulto do insigne político espanhol foi surgindo em toda a sua grandeza, porque, indubitavelmente, não podemos negar-lhe a Cánovas o lugar destacado que preenche entre os doutrinadores e homens de Estado. Esse mesmo juízo, aliás, fê-lo ainda há poucos

anos, o insigne Charles Benoist, membro do Instituto de França, escrevendo um livro sobre Don Antonio Cánovas del Castillo.

Folheando a **História de Espanha**, de Marcelino Menendez y Pelayo, não é sem horror que lemos estes versos sacrílegos babantes da boca do populacho ignaro e que definem a luta profunda que então se travava no espírito espanhol: "Muera Christo / Viva Lusbel;/ Muera Don Carlos / Viva Isabel".

Isto sintetiza, simboliza, define, explica, compara, demonstra os próprios princípios em luta: a tradição católica e monárquica da Espanha autêntica, e a destruição revolucionária, satânica da Espanha antinacional. A espoliação, o assassinato dos padres, o incêndio de conventos e igrejas, carnificina horripilante ordenada pelas seitas secretas em desenfreada sanha de radicalismos explosivos gerados pelo liberalismo que arrastou o trono de Isabel II em setembro de 1868.

E diz Menendez y Pelayo: "desde 1868 a 1875, passou por toda sorte de sistemas políticos e anarquias com nome de governo; juntas provinciais; governos provisórios; cortes constituintes; regências; monarquia eletiva; várias espécies de repúblicas e diferentes interinidades. Governos todos mais ou menos hostis à igreja e notáveis alguns pela crudelíssima sanha com que a perseguiram, como se houvesse proposto borrar o último resto de catolicismo em Espanha".

Afinal, veio o efêmero reinado de d. Amadeu Saboya, que durou de 16-11-1870 a 11-2-1873. Este rei cavalheiresco, cujo simpático perfil foi bem traçado pelo comendador Remo Renato Pettito, mostrou que a sua ilegitimidade como monarca não lhe subtraía a delicadeza de espírito. Depois, na frase de Menendez y Pelayo, veio "uma anarquia com o nome de república". A tal ponto, que se tornou insustentável, e um golpe de Estado, de 3 de janeiro, dissolveu as cortes republicanas vindo um ministério de transição que serviu de ponte para a monarquia de d. Afonso XII, em nome de quem, em Sagunto, se pronunciou o general Martinez Campos. Os Bourbons regressaram à Espanha, apesar do voto "eterno" de alguns exaltados de que jamais pisariam solo espanhol.

O primeiro ministério da Restauração foi o do senhor d. Antonio Cánovas del Castillo, que convocou novas cortes, elaborou nova constituição e terminou a guerra civil na península e a guerra separatista em Cuba. Ele era o eixo dessa restauração e do exílio em que se achava a rainha deposta, enviou-lhe um retrato com a singela dedicatória, "a don Antonio Cánovas del Castillo, uma família reconhecida".

Cánovas era o chefe do partido conservador. Historiador e escritor primoroso, são dele *Estudos sobre o reino de Felipe IV*, *História da decadência da Espanha*, *História da Casa de Áustria*, em três volumes, os *Problemas contemporâneos*, que lembram os ensaios de Macauley. Escreveu ainda *Poesias líricas* e *Teatro Espanhol contemporâneo*.

Vê-se que a formação de Cánovas del Castillo ia evoluindo com os estudos aprofundados da história da Espanha. Convenceu-se do erro do liberalismo, para o que influenciou a sua estada em Roma em 1856 como encarregado de negócios, onde o papa lutava contra a hidra e aprendeu muito em sua passagem por importantíssimos e altos cargos na administração pública, sendo ministro várias vezes. Como deputado, no início de sua carreira, defendeu as idéias liberais. Só depois da revolução de 1868 que destronou Isabel II foi que nas cortes combateu as idéias democráticas, o que lhe valeu ser exilado, dirigindo-se a Paris, para junto da rainha destronada, que o encarregou da educação do príncipe herdeiro, Don Afonso.

Foi ele a alma do movimento que acarretou o golpe de Estado de Pavia e a proclamação de Afonso XII como rei de Espanha em 1874.

Podemos dizer que a sua mentalidade tinha evoluído demais, e a sua convicção, como monarquista provinha da atroz experiência que tivera com as anarquias precedentes. A monarquia se lhe apresentou como a única forma de salvação, "para pôr ordem no caos", como ele próprio dizia. A república é o regime impessoal da anarquia e termina fatalmente nas ditaduras odiosas e injustificáveis. Mas Cánovas cedeu à pressão do meio, aceitando a

dinastia ilegítima de Isabel e não a legitimista de d. Carlos, que encerrava todos os princípios tradicionais da verdadeira Espanha e seriam a verdadeira muralha contra a onda de liberalismo anarquizante.

Chefe do partido conservador, compreendia, entretanto, a verdadeira tradição espanhola nos seus princípios essenciais. E tinha profunda admiração pela Casa de Áustria, sendo ele o promotor do casamento do jovem rei com a princesa Maria Cristina. Mas, mesmo assim, não conseguiu vencer a pressão ambiente e esteve em antagonismo com o Carlismo. Claro é que a monarquia liberal que mais uma vez se estabelecia na Espanha teria a duração efêmera de meio século, sem com isso se pretender que Cánovas não houvesse tido a melhor das intenções.

Há os que lhe censuram acerbamente essa atitude. Ainda há pouco, Julian Cortés Cavanillas examinando em seu interessantíssimo livro *La caída de Alfonso XIII* (prólogo do Conde de Santibanez del Rio) disse que o germe das jornadas de 1931 estão na constituição e na política canovista implantada em 1876. E não deixa de ter razão. Diz ele: "Aqui surgem de novo as duas correntes ideológicas que informam a vida do país: de um lado, a tradição, com a seiva espanhola e seu entrecchoque autenticamente nacional; do outro, o liberalismo, conceito inspirado na revolução francesa, com molde constitucional e parlamentar. Cánovas e Sagasta, artífices da restauração, longe de continuar a História de Espanha, cortam-lhe o caule com uma ideologia exótica e forjam para a monarquia um pedestal que não terá mais consistência que a que lhe presta a duração de uma farsa política, ou o capricho ondulante das multidões mansas".

Eugenio Vegas Latapie, comentando esse trecho tão debatido, disse que é forçoso "reconhecer na política de Cánovas uma das causas principais do advento da 2ª república", porque o sufrágio universal fez desertar de seus postos aos que regiam os destinos da Espanha. Ora, o sufrágio universal era, segundo Pio IX, "a mentira universal", e Cánovas o sabia, pois são dele estas palavras: "el sufragio universal será siempre una farsa, un engano

a las muchedumbres... o será en estado libre y obrando con plena independencia y consciencia, comunismo fatal e irresistible”.

Um pouco menos severo foi d.Pedro Sainz Rodrigues. Desenvolvendo numa reunião da sociedade “Ación Española”, o tema “la política de la Restauración y el pesimismo nacional”, disse analisando no primeiro ponto a obra de Cánovas, que este, perfeitamente ambientado nas idéias e intenções políticas de sua época, não podia fazer nem mais nem melhor do que fez. Seu edificio, é verdade, estava condenado ao fracasso; mas também o estavam todos os sistemas sazoados então na Europa, mas que, contudo, gozavam de deslumbrante prestígio.

O insigne estadista, que foi poeta, escritor, diplomata, esteta e filósofo, depois de reprimir várias insurreiçõs e mostrar um sangue frio e uma calma a toda prova, morreu pelas mãos de um anarquista, em Santa Agueda, em 1897, na idade de 75 anos.

Que a sua experiência sirva nos nossos dias e demonstre que a luta contra o liberalismo não é a luta contra a liberdade, mas contra as conseqüências funestas desse abuso de liberdade que leva à anarquia, e é por horror às tiranias ditatoriais que lutamos contra o liberalismo, diante do confisco de todas as liberdades, que o Estado Moderno, em nome do povo nos oferece, inimigo irreconciliável que é da Tradição e da legítima liberdade.